

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1098	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	590	5170	30 de Junho de 1909	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possesões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	600	5200		
Estrangeiro e India.....	3\$000	1\$500	500	5100		



ACADEMIA REAL DAS CIENCIAS DE LISBOA

SESSÃO REAL PARA A LEITURA DO ELOGIO ACADEMICO DE S. M. EL-REI D. CARLOS

(Cliché Benoliel)

CHRONICA OCCIDENTAL

Os crimes de infanticídio estão a repetir-se por toda a parte com uma horrorosa frequência. Quem costuma ler o noticiário dos jornaes terá visto que é raro o dia em que não haja alguma mãe que estrangule o filho á nascença, ou lhe não corte o pescoço com a faca da cosinha, tres ou quatro dias depois de o ter dado á luz.

Descoberto o crime, dá-se-lhe o castigo. Os tribunaes são implacaveis em taes casos, e compreendem-se que o sejam. Os juizes sempre rispidos, e ninguém dirá que não estejam no seu papel.

Na presença de uma mãe a quem chegou o animo para matar o filho, não se cuida nunca de averiguar se alguém a instigou a cometer o crime. Crê-se que um tal acto só pôde ser voluntario, e muito voluntario. E, com effeito, como se ha de admitir que uma mãe assassine o seu filho só por obedecer ao instigador que lhe disse: «Mata o teu filho!»?

Todavia, pôde-se dizer que o nosso tempo, o nosso seculo, é esse instigador.

O filicidio é, por excellencia, e crime da civilização. O amor materno, como todo o amor, é sacrificado aos tempos novos. A sociedade bem o sabe; e quando, porventura, ella lastima este mal, só o faz por hipocrisia.

A creança de hoje não é, como o foi, uma das maiores e das mais vivas alegrias da vida. A creança, hoje, é um empecilho. Diga-se a verdade. Não é já só nas classes baixas que se ouve dizer aos proprios paes, quando uma creança morre: «Foi uma providencia!» Nas classes que mais se prezam, sob outras fórmulas de expressão pensa-se o mesmo. Todos nós temos tido occasião de ouvir, perguntando a pessoas casadas de pouco tempo se têm filhos, esta confissão: «Não, graças a Deus!» E sabe-se como, na maior parte dos casos, estas graças dadas a Deus só verdadeiramente deveriam ser dadas a Malthus.

Que tudo é diferente d'esses tempos a que hoje chamamos de atrazo e de ignorancia, quando ainda as mães que habitavam nas cidades não haviam atingido o periodo escrofuloso em que as tem posto hoje a poeira das ruas, a má qualidade dos alimentos, as canalizações mefílicas e outras cousas sabidas de decadencia mortal que geram

tuberculos nas creanças antes de saírem do ventre materno, e fazem que, segundo a feliz expressão do humorista, até as burras precisem de leite de burra!

As matronas virtuosas do começo do seculo passado podiam dar de mamar aos filhos, com a certeza de não lhes transmitir leite envenenado; bem ao contrario das de agora, que quasi todas têm, mais ou menos, a consciencia de que alimentam uma geração de tísicos. O *Emílio* de João Jacques Rousseau tornára moda em toda a Europa o que nunca devera ter deixado de ser o acto mais natural da mulher, o costume de crear o filho com o proprio leite, em vez de o confiar ao cuidado das amas mercenarias.

Tomava-se então como prova de distincção e suprema elegancia pôr o menino aos peitos deante de toda a gente; levá-lo na sége até ás portas das salas de baile, e saír de vez em quando ostentadamente, para lhe ir dar mama! A mulher joven quasi que aspirava a casar-se, unicamente pelo desejo de apparecer de creança ao côlo. Pode dizer-se, sem receio de exagerar, que nesses felizes tempos as mães chegavam quasi a querer tanto aos filhos pequeninos e faziam tanta gala

de os trazer consigo nas carruagens, e de os abraçar e beijar em publico, como agora fazem em trocá-los pelos cachorros.

Qualquer que fosse o meio social em que se abrissem os olhos á luz da existencia, nunca mais se esqueciam as primeiras lições maternas. A educação do pae não ficava de certo menos viva e accentuada que a da mãe; a da mãe, porém, predominava sobretudo em coisas do coração, porque era toda intima e especial, ao passo que a do pae era mais geral e mais ampla: ensinava nos a a ter vontade, resolução, energia, e abria-nos os caminhos da vida honrada, traçando-nos a linha que deveríamos seguir, sob os eternos principios da verdade e da justiça. A mãe corrigia e suavizava com caricias, e com o culto das mais ternas virtudes femininas, a rigidez e durêsa do ensino paterno. A mãe, que o sabia ser, deixava desle logo perfeita e acabada a educação do filho, pelo lado até onde devia estender-se a sua influencia benéfica. As suas lições entravam nos no peito em jorros de amor e de luz, e apropriavam-se da nossa alma.

Tudo estava nessas primeiras lições, as que nos eram dadas com o leite e logo depois d'elle. A influencia exercida no coração e nos gostos do filho pelo primeiro ensino que recebia da mãe, e pelo amavel sistema com que ella o creava, dominava toda a vida; em todas as suas acções havia de sempre transparecer, mais ou menos, um reflexo d'ella. Era ao suave calor dos mais ternos afetos que se formava e desenvolvia a alma do menino.

Não era só o exemplo das classes apuradas que, então como agora e como sempre, indicava ás outras o modo de proceder. A propria natureza lhes era mestra. Ou antes, e melhor dizendo, o amor materno expandia-se, livre de peias, onde quer que irrompesse; e se muitos peitos angustiados gemiam na clausura dos conventos, vitimas das apertadas precauções com que se cercavam as donzelas ameaçadas pelos perigos da carne, sem boas probabilidades de casamento reparador e feliz, certo era que, se as precauções não eram tomadas com tempo, e a estopa perto do lume, se incendiava, tudo se conformava ao depois com os destinos, e por todas as fórmulas se cuidava de remediar o mal que estava feito, mas menos pelo abórto ou pelo infanticídio.

Não poucas vezes era a desditosa mãe privada do seu mais legitimo desejo e goso, arrancando-se-lhe dos braços o filho recém-nascido, e levando-lhe para bem longe; mas sempre ella teria podido pôr-lhe ao pescocito alguma medalhinha de santo ou santa que o protegesse, com a dulcíssima esperanza de poder um dia tornar a apertá-lo contra o peito, rehavido por aquelle indício...

Mas ao poder dos tempos nada resiste: nem o amor materno. A civilização condemnou a ira dos paes que protegiam a honra das filhas com os ferrolhos dos conventos, e facilitou á mulher, por todos os meios velhos e por muitos meios novos, o desmando e a deshonra. Fez-lhe correr todos os riscos de ter filhos na desonestidade, e recomenda-lhe que não queira tê-los. A honestidade, essa, prudentemente, evita os o mais que pôde; mas como nem sempre o consegue, e o medo lhe não deixa estrangulá-los, entrega-os a amas provenientes da clinica de S. Lazaro, confia-os depois aos cuidados de institutrices recomendadas pelo *Chat Noir*, e acaba por interná-los no Collegio de Campolide. Tê-los, ainda vai. Agora o dar-lhes de mamar, mudar-lhes as fraldas, e ensina-los depois a ser homens, isso é que não; que os decotes são cada vez mais abertos, e as massadas prohibidas!

JOÃO PRUDÊNCIO.



Sessão solemne da Academia Real das Ciencias de Lisboa

O elogio academico do El-Rei D. Carlos

Pela primeira vez, no actual reinado, reune a douta corporação da Academia Real das Ciencias de Lisboa, em sessão real, presidida por Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, sendo o motivo dessa reunião o elogio academico do seu falecido presidente El-Rei D. Carlos.

Não podia ser maior a solemnidade nem mais interessante a sessão.

A sala da biblioteca da Academia, que é um monumento, ainda maior pelos monumentos da literatura e das ciencias que nella se conservam, como fôcos de luz a alumiar o espirito das gera-

ções, revestiu-se de galas, animou-se com o concurso das pessoas que occupavam as extensas filas de cadeiras e pela galeria muitas senhoras, que são sempre a decoração mais formosa e fulgurante destas assembléas, apresentava aspeto imponente tanto pela reunião do que temos de mais selêto no mundo intelectual, como pelo ourejar das fardas e comendas que distinguem tantos obreiros das ciencias e das letras ali reunidos.

Para maior realce compareceu também á sessão real Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, além de Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso. A Academia representava-se pela maioria de seus socios. Compareceu todo o ministerio, membros da camara dos pares, corpo diplomatico, convidados e representantes da imprensa.

Depois de Suas Magestades receberem os cumprimentos no trono, armado ao fundo da sala, El-Rei tomou logar na mesa da presidencia, abrindo a sessão, em nome do soberano, o vice-presidente da Academia, sr. dr. Virgilio Machado, o qual leu uma alocução, ou antes uma oração de sapiencia, historiando a vida da Academia desde que foi fundada pelo duque de Lafões até ao presente, enumerando as iniciativas que della teem partido e comparando-as com as suas congeneres estrangeiras.

Dissertando sobre este assunto, lembra quanto a Academia tem concorrido para a publicação de obras importantes, que sem seu auxilio ficariam ineditas, e dá a grata noticia de que ella vai fazer edições populares dos classicos portuguezes mais valiosos afim de os tornar bem conhecidos.

Declarou também o digno vice-presidente de quanto a Academia e o Senhor D. Manuel estão empenhados em resolver para breve a elaboração do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, que ha muitos annos lhe está cometida, mas que muitas e complicadas circunstancias não permitiram ter sido levado a termo.

O sr. dr. Virgilio Machado, referindo-se aos trabalhos da Academia não serem bastante conhecidos, diz ser isso devido ás suas especialidades, e também á falta de conhecimento da nossa lingua lá fóra. Para obviar a este inconveniente, a Academia vai publicar uma historia sua em lingua mais universal, como tem feito outras academias estrangeiras.



DR. VIRGILIO MACHADO

Faz também sentir as razões porque atualmente as academias não teem aquella vida de tanta atividade que, acaso já tiveram. Hoje os congressos, as multiplas revistas e livros de ciencia e de literatura que abundam com o enorme desenvolvimento da imprensa, dispensam a cooperação dos centros academicos, acrescendo que muitas ciencias perdendo sua feição especulativa, entram mais decididamente no campo experimental. Assim os laboratorios chamaram mais os cientistas e ali se concentram as maiores atividades e invenções independentes do concurso das academias.

Sobre os progressos das ciencias disserta largamente o sr. dr. Virgilio Machado com profundos conhecimentos da ciencia contemporanea nas suas variadas ramificações, chegando aos domínios da agricultura, da hygiene, citando quanto esta está utilizando á cidade do Rio de Janeiro, na grande transformação porque tem passado aquella capital.

Analisa os progressos da educação moderna

sob os metodos scientificos de ensino baseados na observação das coisas e disciplina do espirito, com o que se chega a profucos resultados na pratica das ciencias e das artes como é evidente.

A alocução do sr. dr. Virgilio Machado é uma exposição erudita de todo o movimento científico moderno, terminando por dar a razão da Academia ali se encontrar reunida para prestar a sua homenagem á memoria do augusto presidente e protector daquella corporação científica, El-Rei D. Carlos I.

Resume em breves palavras os talentos do falecido monarca manifestados nas letras, nas artes e nas ciencias, contribuindo largamente para a riqueza da oceanografia e ciencias historico-naturaes, de cujo elogio academico estava encarregado o socio sr. Alberto Girard.



O elogio academico feito pelo socio, sr. Alberto Girard, é um estudo consciencioso da obra do Rei Artista e do Rei Cientista, que, na frase do sr. Girard, o rei na arte era Carlos, na ciencia era D. Carlos de Bragança, assim elle assinava os seus trabalhos numa e noutra.



ALBERTO GIRARD

Faz o elogio do artista tanto de coração e espontaneo que suas obras tinham a nota distinta da facilidade e variedade dos generos, que todos lhe eram familiares para o seu lapis ou pincel, de inconfundivel individualidade. Essas obras foram justamente apreciadas e premiadas em exposições nacionaes e estrangeiras.

Mas se como artista foi consagrado, não o foi meaos como cientista, pela dedicação ao estudo das ciencias naturaes, especialmente á oceanografia, que mais cultivou com opimos resultados, sendo grande o seu amor por esta ciencia como elle, orador, podia testemunhar, visto ter acompanhado tantas vezes durante 12 annos o sr. D. Carlos nas suas explorações oceanicas, para a colheita das preciosas especies com que formou o seu museu oceanografico.

Esse museu fazia a gloria do seu colecionador, justamente apreciado por todos que o puderam ver em Portugal e, uma vez exposto no grande certamen internacional de Milão, ali lhe conferem o *Grand-Prix* não obstante El-Rei desejar estar fóra do concurso.

O juri não se conformando com aquella declaração, respondeu: «Para que? pois se a El-Rei D. Carlos pertencem de direito os primeiros premios.»

Descreve o alto valor científico do finado rei, tantas vezes comprovado no meio das agremiações da ciencia, quer em Portugal, quer no estrangeiro, e entra por fim na historia das suas explorações oceanograficas, ás quaes com tanta utilidade mais se dedicou.

O que expõe sobre este assunto o sr. Alberto Girard é realmente interessante, como se vai ler.

«Meus senhores, vou abordar agora o terreno favorito da atividade do elevado espirito de D. Carlos, e que tanta gloria trouxe a seu nome — a Oceanografia. — Não é na mocidade que se pôde empreender tão complicado estudo; a oceanografia, para a cultivar, demanda muito saber, sentir-se capaz de resolver complicados problemas que exigem para a sua solução o conhecimento vasto de muitas ciencias. D. Carlos, que nunca fóra estranho ao movimento o mais moderno da intellectualidade, compreendeu a sua importancia, percebeu o seu alcance para uma das principaes industrias do país, e tendo a paixão do mar, como Elle mesmo o diz, sabendo, como todo o homem da sua intelligencia e da sua idade, quanto valia e quanto podia, e influenciado também pelo seu

A Exposição de Cerâmica «Bordallo Pinheiro»



UM ASPECTO DA EXPOSIÇÃO NO «ATELIER» DE MANUEL GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO



UMA JARRA

pequeninas peças artísticas até aos grandes vasos, jarrões de formas elegantes, algumas classicas, estilistas e por fim o lendario milagre de Santo Antonio, das bilhas quebradas, tão gracioso, quanto popular do taumaturgo português, e de que reproduzimos uma bella gravura de Marques Abreu, graciosamente cedida por este artista ao OCCIDENTE.

A arte que em tudo isto se observa é aquella que Bordallo Pinheiro soube dar á sua cerâmica, de cunho verdadeiramente nacional a resistir heroica contra o desdém por tudo quanto é português.

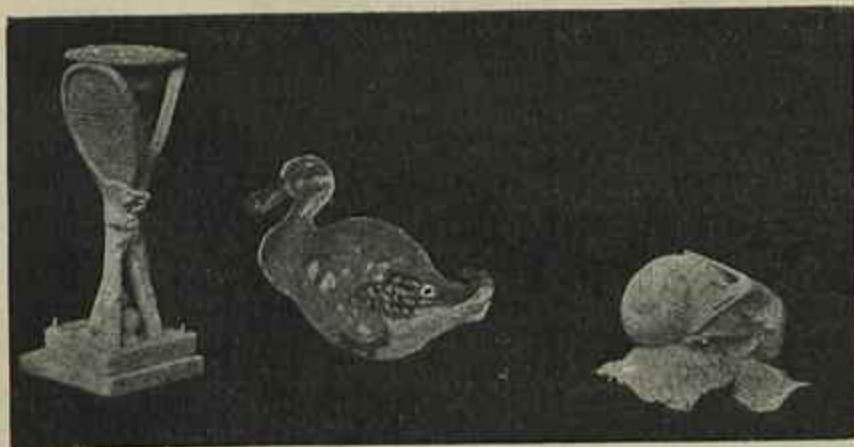
A cerâmica *Bordallo Pinheiro* teria mercado em toda a parte do mundo onde fosse levada, não por aquella originalidade que fez em tempos o príncipe de Gales, hoje rei de Inglaterra, levar para o seu paiz um burro de Cintra, mas pela originalidade da arte com que é feita e por seu especial caracter.

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, fazendo ha pouco a sua exposição de cerâmica no Porto e em Coimbra, onde foi muito apreciada, veio repetil-a agora em Lisboa, atraindo ao seu atelier grande numero

de visitantes, incluindo Sua Magestade El-Rei D. Manuel, que adquiriram muitos dos artefatos expostos, e ainda bem.

Quanto do que ali ha é preferivel a tantas bugigangas estrangeiras de fancaria, sem caracter nem intenção, que se compram para adornar os toucadores, as salas com pretensões a bom gosto e arte. E com isso só se anima o commercio de importação, que leva tres e quatro vezes o valor do seu custo lá fóra, emquanto a arte nacional luta com mil dificuldades que toda a coragem e tenacidade a custo vencem.

As obras expostas são todas produzidas este anno e dellas resalta uma inoyação, qual é a des embutidos em barro, completa novidade tentada com]exito por Manuel Gustavo, pois é seguramente um dos maiores atra-



CASTIÇAL, ALFINETEIRA E PALITEIRO



SANTO ANTONIO, NO MILAGRE DA BILHA QUEBRADA

Centenario da Guerra Peninsular



FAROLIM DA FORTALEZA DE S. MIGUEL, NA NAZARETH

tivos da sua exposição justamente apreciada pelas pessoas inteligentes e cultas, que adquiriram os exemplares expostos além dos que encomendaram.

Esta exposição é talvez pouco profusa de obras, mas contudo representa grande esforço por parte de Manuel Gustavo, que teve graves transtornos durante o ultimo anno. Além do governo ter retirado o subsídio á escola profissional fundada por Boddallo Pinheiro, foi ainda posto em praça o edificio, e arrematado por quantia superior áquella de que Manuel Gustavo dispunha, sendo, por um mal entendido do arrematante, privado das ferramentas e modelos existentes no edificio, para haver os quaes teve de representar em juizo.

Instalada uma nova fabrica, começa a produção, não sendo menor a luta de Manuel Gustavo para continuar a obra de seu pae, no que se torna digno de todas as sympathias e auxilios.

C. A.

Centenario da Guerra Peninsular

Fortaleza de S. Miguel da Nazareth

Cada época tem o seu edificio, registo e monumento das differentes phases do progresso social.

A. C. SILVA MATOS

No extremo do môro da Nazareth, na calbeta, que a cobre da parte do norte, está situada a fortaleza de S. Miguel, que principiando no governo de D. Sebastião, acabou no de D. João IV, tendo sido collocada sobre a porta principal da entrada a estatua d'este rei, e junto d'ella as armas de Castella e Portugal, estas meio occultas por detrás d'aquellas; e, como sentinella vigilante, a

imagem do archanjo S. Miguel, que se viu, por muitos annos, em um nicho aberto na parede, proximo d'aquella entrada.

Teve governador com guarnição fixa (1), elemento indispensavel, n'aquella época, para preparar e facilitar determinadas operações militares e para manter o mar livre das incursões dos corsarios argelinos, hollandezes e outros, que infestavam as nossas costas; e, de facto, não foram poucas as vezes que esta guarnição, como a de S. João Baptista das Berlengas, para poder reprimir rapida e facilmente qualquer extorsão, e auxiliar a nossa marinha, punham em acção as peças d'artilharia (2), e de sobreaviso as nossas embarcações para, a tempo, recolherem á enseada. Era quasi sempre a fortaleza que, em primeiro logar, rompia o fogo contra as naus inimigas, que tentavam aproximar-se da costa.

As forças da defeza estendiam-se em atiradores nas concavidades dos rochedos, as mulheres desciam ás praias levando armas aos maridos, que andavam pescando. No entretanto os piratas receiosos da attitude offensiva, que se lhes apresentava, sem resultados favoraveis, punham-se ao largo até os seus navios se sumirem no horizonte.

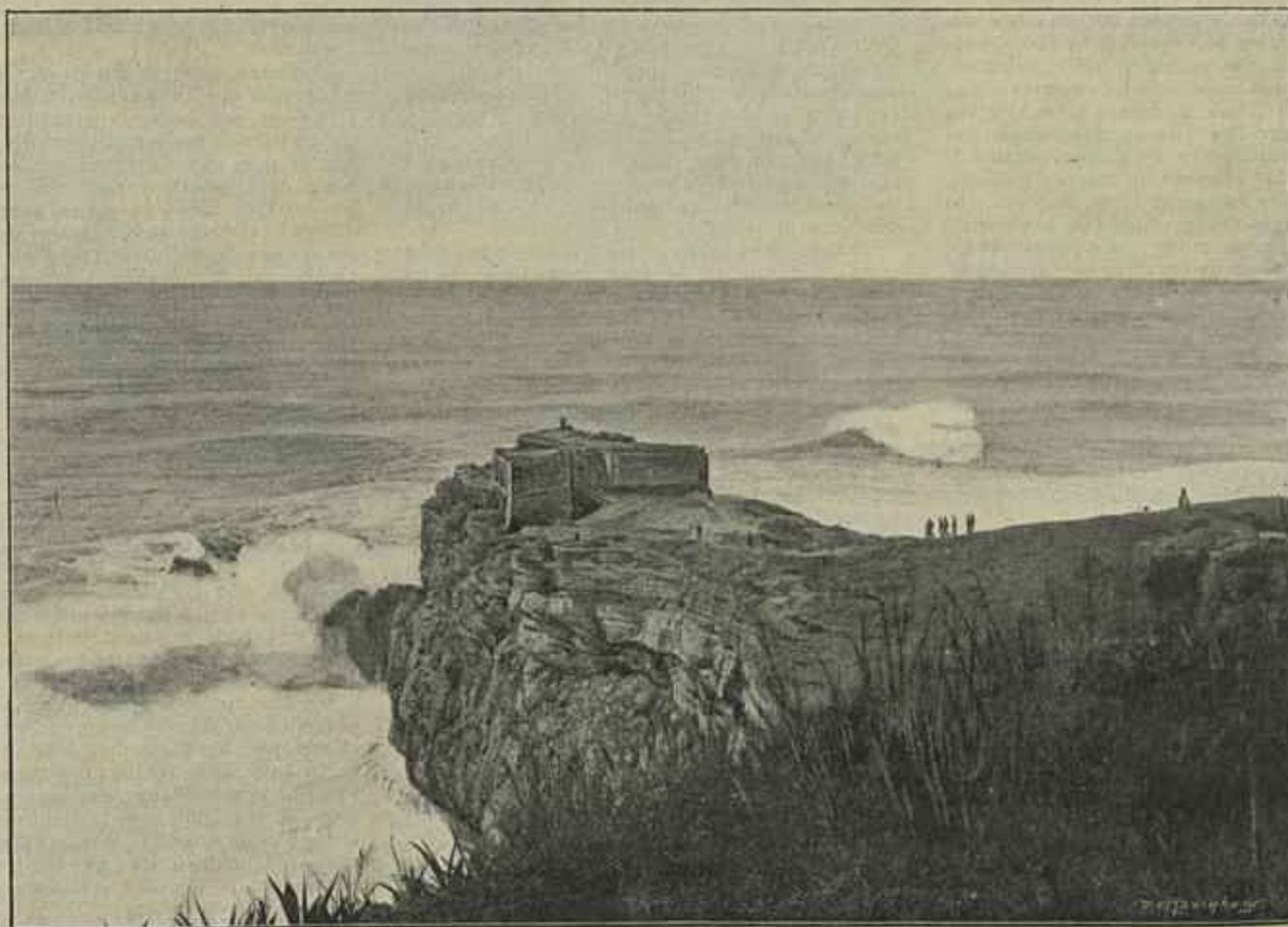
Nem sempre as nossas caravelas recolhiam á enseada livres das correrias das naus inimigas, pois que o assalto era lhes tão artemmente feito que os navios mercantes, tendo já rôtas de pelouros as vélas, e exhaustas as forças dos remadores, tór-se-hiam de certo rendido ás lanchas perseguidoras, se não viessem promptamente em seu auxilio o capitão e sargento môr com as forças de que dispunham; e n'esta parte é digno de elogioso registo, (nos refere um erudito escriptor), a inexcedivel energia do capitão môr, Christovam de Brito, e o acerto de suas ordens.

A superintendencia e vigilancia d'estas forças no litoral, uma das attribuições da capitania môr, foi d'efficacissimos resultados para a navegação.

De differente modo se procedeu com a entrada do exercito francez em Portugal, sob o commando do general Junot, porque, distribuidas que foram as forças invasoras pelos diversos pontos do

(1) O primeiro governador foi Manuel Gomes Pereira. Viê: *Portugal antigo e moderno*, de Pinho Les.

(2) Das peças d'artilharia de que se serviu a guarnição apenas existem duas na praça d'armas d'esta fortaleza, proximo da casa do pharoleiro, mas já bastante caracomicadas.



A FORTALEZA DE S. MIGUEL, NA NAZARETH

(De fotografias)

o arrancava da sua attitude triste e reservada, a não ser quando lhe falava na altiva loba romana, a sua eterna e odiada rival!

Então n'uma meza de ebano, larga e baixa, cheia de incrustações de ouro e pedras multicores, que os robustos escravos numidas trouxeram, appareceram grandes pães polvilhados de anis, amontoados em cestas de filigrana de ouro enfeitadas com flores. Em altas amphoras de ouro vinha um precioso vinho que Hamilcar trouxera das suas campanhas em Italia. Depois em largas travessas de ambar, tão polido que parecia ouro, serviram-nos, com molhos impossiveis, incommeis, intragaveis, faisões, peitos de antilope e, finalmente, cãesitos em calda de mel! Na meza, sobre altos pratos de vidro, havia pyramides de cigarras fritas, que o famoso general comia com as mãos!

Todo aquelle repasto de um barbaro me era sobremaneira desagradavel e apenas o doce vinho de Campania, eu hauria com innenarravel goso. Então em largas salvas de prata serviram-nos uns queijos abominaveis e enormes bolos de mel. Em vasos de ouro, com agua perfumada por folhas de rosa, lavamos levemente os dedos, e o general ia levantar-se, quando me occorreu a lembrança de lhe mostrar o poder das armas de fogo.

Fiz approximar um marinheiro e pegando na Mauser, aponte-i a uma das muitas esferas de vidro que por toda a parte rebrilhavam. Disparei em diversas direcções e aqui e ali varias esferas voaram em estilhaços.

O *sufetta* ficou então de todo abanado, os escravos numidas fugiram aterrados, lançando por terra a larga meza e a rica baixella em que nos serviram, e nos vastos terraços do magnifico palacio dos Barcas, apenas eu e os dois marinheiros ficámos graves, silenciosos, imponentes!

(D'um livro em preparação.)

AFFONSO DE CASTRO.



Beijos Perdidos

Tal é o titulo de um poemeto, por Manuel Duarte d'Almeida, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa e bibliothecario das Direcções geraes de instrucção publica e do respectivo Conselho Superior.

Dado a lume pela livraria editora da Parceria Antonio Maria Pereira, abrange dezeseis paginas de formato grande com capa illustrada por estampa que lhe define o titulo.

Dividiu o auctor o seu poemeto em duas partes distinctas; a primeira, dedicada ao dr. Maximiano Lemos, mais philosophica, a segunda, a Firmiano Pereira, mais humoristica.

Beijos Perdidos! qual a razão e o significado logico de tal titulo, apparentemente extravagante?

Aqui tendes, leitores, a chave do enigma logo nos primeiros quatro versos do poemeto e na sua ultima estancia:

«Despedem beijos ao ar,
«Beijos que perdidos são,
«As Senhoras que, ao beijar,
«Só fingem que beijos dão.

«De bôcas a palpitar
«De frescura, de emoção,
«Assim perdidos no ar...
«Que pena! Que estragação!»

Conheceis o poeta Manuel Duarte d'Almeida? Talvez não, e entretanto, o que são as coisas d'este mundo! conheceis dezenas de poetas cheios de embofia soez, que apenas conseguem consumir papel e que só pelo favor de ignorantes logram circular na fama.

Pois, sem embargo, Manuel Duarte d'Almeida é um poeta na accepção rigorosa e nobre do termo, tão lyrico e tão consummado na metrificacão,

que não existe no nosso meio outro Manuel Duarte d'Almeida.

Conserva nos seus annos que a neve já enflora, todo aquelle ardor, toda aquella sentimentalidade fina, todo aquelle fogo vivo de inspiração dos cleitos que tem rendido ao mundo e á civilização em Homero, a *Illiada*, em Virgilio, a *Eneida*, em Dante, a *Divina Comedia*, em Milton, o *Paraizo Perdido*, em Tasso, a *Jerusalem Libertada*, em Camões, os *Lusiadas*, a nossa gloria, em Klopstock, a *Messiada*, no americano Longfellow, a *Evangelina*, deliciosa e encantadora.

E, leitores, se fordes tomados de hesitação a similhante respeito, em presença do poemeto *Beijos Perdidos*, procurem ler então *Va Victoribus*, imponente e magestosa tuba epica, arrebataadora imprecação metallica de uma alma compungida pela affronta de uma nação poderosa e triumphante á estremecida bandeira da sua patria heroica!

Sinto consolação intima de poder escrever isto, com perfeito acerto de propriedade, n'um tempo em que o interesseiro egoismo reina quasi despoticamente.

Manuel Duarte é pobre, lucha na arena da vida com esforço tenaz e com diligencia aliás incompativel com a sua pouca saúde; mas é rico, riquissimo de honesta dignidade, honra legitima das bellas letras, poeta equilibrado, artista que vibra e faz vibrar, attrahe e faz attrahir, moralisa, educa!

D. FRANCISCO DE NORONHA.



JOSÉ SABINO GONÇALVES

NECROLOGIA

José Sabino Gonçalves

É este o heroe cujo retrato se apresenta aos nossos leitores, como digno de figurar na extensa galeria dos que se têm tornado benemeritos nos vastos campos da actividade humana.

Filho de Sabino Gonçalves e de Isabel Jacinta, natural de S. Martinho do Porto, ahí falleceu aos 25 de maio findo, contando 73 annos d'idade, havendo sete que se achava paralytico.

Começou a sua carreira em tenra idade, pois apenas contava 9 annos, aquelle que no decurso de 50 annos se tornou um habil e destemido marinheiro, dando provas evidentes do seu valor e competencia profissional.

Commandou diferentes navios mercantes com diversos rumos, mas especialmente em direcção á India, atravessando muitas vezes o cabo da Boa Esperança, sempre com bom exito.

O seu ultimo commando foi o da galera *Dora* e do vapor *Ibo* da extincta Mala Real Portuguesa.

Corria o anno de 1869, em que se celebrava com o maior enthusiasmo o facto grandioso da

abertura do Canal de Suez, obra colossal devida ao genio inspirado do immortal Lesseps. Tinham sido feitos convites a todas as nações maritimas para se representarem na inauguração de tão asombroso empreendimento.

Portugal, attendendo ás suas tradições gloriosas, não podia deixar de receber tão honroso convite, fazendo-se representar por um dos seus melhores vasos de guerra, que era então a corveta *Estephania*.

Com antecedencia de dois dias, tinha tambem largado do Tejo a galera *Viajante*, em direcção a Macau, sob o commando de Sabino Gonçalves.

Aquelle lindo barco, todo de teca, construido nos estaleiros da India, pertencia á firma Bessone & Barbosa, da praça de Lisboa, e era tripulado por vinte destros marinheiros.

No Mediterraneo, nas alturas da *Gata*, desencadeou-se um temporal desfeito, quando ahí chegavam a nossa corveta de guerra e a galera *Viajante*.

A galera consegue, a grande custo e com grave risco, desenrascar-se e entra galhardemente a salvo em Port-Said, no proprio dia em que se inaugurava a abertura do antigo *isthmo*, transformado em esplendido canal.

Não quiz a sorte que a marinha de guerra portugueza assistisse a tão solemne acto, pois, em virtude do grande temporal, a corveta *Estephania* não pde chegar a tempo; em compensação, porém, a chegada da galera *Viajante*, commandada por tão destemido e perito marinheiro, em plena força da vida, 34 annos d'idade, é saudada com vivas aclamações pelos navios das diferentes nacionalidades.

Mas ainda não é tudo para coroar o feito e a gloria ficar completa. Não havendo piloto para assegurar a travessia do Canal, Sabino Gonçalves resolve se intrepidamente a atravessar o com pasmo e admiração de todos que presenciaram tão arrojado golpe d'audacia.

E assim, notavel coincidencia, a gloriosa bandeira das Quinas, a primeira que dobrou o cabo da Boa Esperança, guiada por Vasco da Gama, no descobrimento do caminho maritimo para a India, é tambem a primeira que arvorada no tope da galera *Viajante*, tremula galhardamente atravessando o novo canal.

Gloria pois ao nosso heroe e que o seu nome fique gravado nos fastos brilhantissimos da nossa epopeia maritima a par de tão distinctos nomes que têm immortalizado esta heroica nação tão digna de melhor sorte!

ABRANCHES.



O MEZ METEOROLOGICO

Maio 1909

Barometro. — Max. altura 769^{mm},9 em 25.
Min. » 751^{mm},6 em 15.

Pressões fracas durante a 1.^a quinzena e elevadas no resto do mez, excepto em 31.

Termometro. — Max. altura 33[°],4 em 30.
» Min. » 11[°],7 em 9.

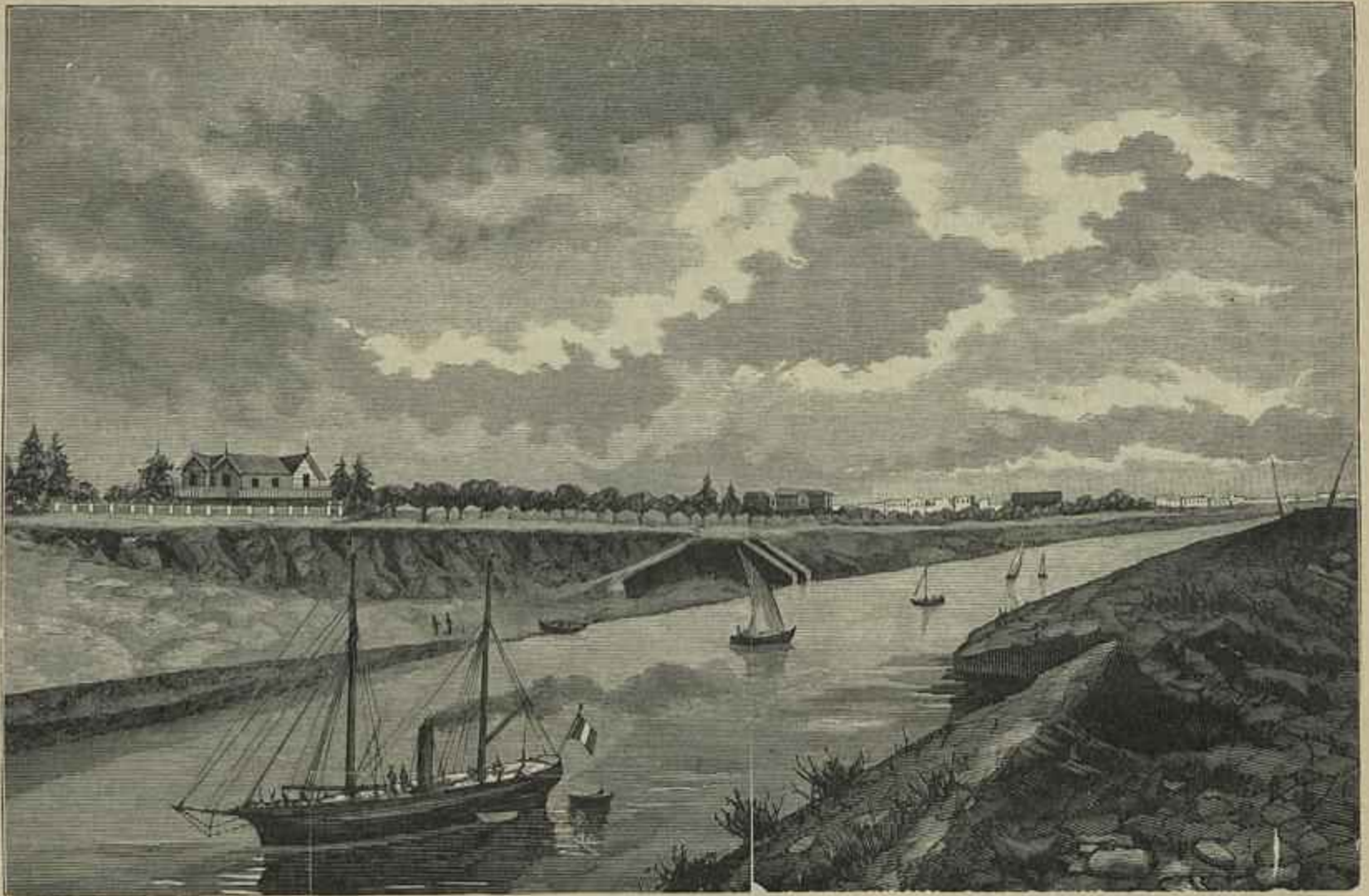
A temperatura esteve elevada em 1 e 2 (Max: 26[°],9 em 2) baixando a partir d'esse dia, sendo a maxima, em 7, de 15[°],7, e em 9, de 15[°],6, esta ultima inferior a todas as maximas do mez de abril. A temperatura conservou-se normal até 21, data em que se elevou um pouco, sendo a maxima, em 23, de 27[°],7, e em 24, de 27[°],0. Em 25, baixa a 19[°],3, e em 26, a 18[°],6, subindo bruscamente em 29, a 31[°],9, e em 30, a 33[°],4.

Chuva — 57^{mm},3 em 10 dias (de 4 a 11 e em 14 e 15).

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 12 dias.
» Nublado 18 dias.
» Encoberto 1 dia.

Relampagos — Em 11.

Trovoadas. — Em 6, 7, 11 e 15.



UMA VISTA DO CANAL DE SUEZ

PRIMEIRO ATRAVESSADO PELO COMANDANTE PORTUGUÊS JOSÉ SABINO GONÇALVES, NA SUA INAUGURAÇÃO, EM 17 DE NOVEMBRO DE 1869

Gaspar Pinto Teixeira * ALFAYATE

Fazendas modernas para a estação de verão

GRAVATARIA.

Rua Augusta, 245 e 247 — LISBOA

ÁGUA DE MESA DIGESTIVA Propriedade das Hortas ALCOCHETE

A água mais barata que se encontra á venda — Garrações de 5 litros 120 réis

Segundo a opinião de muitos medicos da capital, consideram esta água magnífica e de efficacia em regularisar as funções do estomago e dos intestinos. Está oficialmente analysada.

DEPOSITO GERAL: Fructaria Internacional, de Antonio Ribeiro Cardoso
6, Rua do Loreto, 8 — LISBOA

E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Toupas brancas para homens, senhoras e creanças, cama e mesa

Executam-se enxaoves para casamentos, baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernandes Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22



Deposito das afamadas rendas de Peniche

Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dôr

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA



PHOTOGRAPHIA FILLON

A mais antiga de Portugal

A. BOBONE

PINTOR PHOTOGRAPHO DE SUAS Magestades e Altezas

Premiado em diversas exposições estrangeiras com o Gran Prix, 4 diplomas de honra, 8 medalha d'ouro e 2 de prata
Fazem-se retratos em todos os generos

Grande colleção de monumentos historicos, museus e academias do paiz

79, RUA SERPA PINTO, 78 (Chiado, junto da Igreja dos Martyres), LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis